

A Rural

REVISTA DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

BIBLIOTECA CENTRAL
U. S. V.
PERIODICO
ASSUNTO Ha
ENTRADA

Diretor :

LUIS DE TOLEDO PIZA SOBRINHO

Publicação mensal — Fundada em 1920

ANO XL — N.º 474

OUTUBRO — 1960

A mais antiga fazendeira Paulista

LUIS PIZA SOBRINHO

No próximo dia 4 de outubro, completa 90 anos de idade a nossa ilustre sócia benemérita dona Albertina de Castro Prado, dona das fazendas "Coqueirão", em Pirajuhy, e "Espírito Santo", em Valinhos.

Fazendeira de café, desde 1888, dona Albertina acompanhou seu marido, o saudoso dr. Antonio de Castro Prado, nos seus empreendimentos agrícolas que abrangiam diversas fazendas, em tôdas as zonas do Estado, onde se cultivava o café. Testemunha da mudança da abolição do cativo para a reforma que foi a grande imigração, viu crescer, no terreiro de sua fazenda, inúmeras gerações, procedentes das diversas regiões do Mediterrâneo que emigraram para São Paulo. E, sobre tôdas elas exerceu uma influência decisiva na educação dos costumes e na formação do caráter. Bispos, sacerdotes, frades, médicos, advogados, engenheiros, industriais e lavradores que hoje ilustram a vida de São Paulo, cresceram e se formaram ao redor dessa veneranda dama paulista, cheia de bondade, mas de intransigente disciplina para com os princípios elementares da moral e do trabalho. Naquelas chácaras de figos e de uvas que se estendem ao longo e nas proximidades da Estrada Velha de Campinas e na via Anhanguera, vê-se, na maior parte dos proprietários, descendentes das antigas famílias que derrubaram as matas que cobriam os espigões da velha fazenda "Espírito Santo". Aquela propriedade, entre outras, foi das fazendas que acolheram levas e levas de imigrantes recém-chegados da Europa. E logo encontraram nos fazendeiros o encaminhamento para a adaptação à vida agrícola. O modo como foram acolhidos e tratados e o êxito que conseguiram, bem justifica a frase de um dos folhetos da propaganda da imigração que se distribuiu, na Europa, ainda no tempo do Império: "Quem vai para São Paulo encontra na

uberidade do solo, uma nova pátria e na bondade do povo, uma outra família".

Engenho cultíssimo, dona Albertina foi uma das alunas prediletas da saudosa madre Maria Theodora de Voiron, do Colégio do Patrocínio, em Itu, e recebeu daquela grande educadora e suas companheiras o influxo da civilização francesa que era o apanágio das moças de sociedade, no último quartel do século passado. Até hoje, ainda conserva a dedicação indefectível aos princípios que orientaram sua infância.

Senhora de grande inteligência e ainda hoje, no último decênio para o centenário, espírito lucidíssimo, exerce uma grande influên-

cia entre as velhas famílias paulistas e é um exemplo de otimismo e confiança nos grandiosos destinos de nossa Pátria. Há dez anos passados, ao completar 80 anos, promoveu a reforma de seus cafezais, em Campinas, de acordo com as experiências do Instituto Agrônomo, cujas atividades acompanha desde o Império, tendo sido das primeiras a encarar, corajosamente, a necessidade de substituir os cafezeiros deficitários e preparar as árvores para as colheitas, em cereja, e conseqüentemente na produção de cafês finos.

Dos seus interessantíssimos "Apontamentos para História das Fazendas Paulistas", recordação animada da vida de nossa história agrícola, há capítulos de rara beleza, cuja publicação faremos em breve.

A Sociedade Rural Brasileira, entidade tradicional dos cafeicultores paulistas, abre a coluna de honra de sua revista para registrar aquela gratíssima efeméride, associando-se às homenagens justíssimas que a sociedade de São Paulo prestará à ilustre e nobre senhora, tronco de uma das mais dignas famílias da aristocracia rural da velha Piratininga.



Exma. sra. d. Albertina de Castro Prado
(Retrato a óleo de Di Ismallovich, 1954)